

AVANI PALMEIRA DE ARAÚJO

**ALAGOA NOVA E OS MORADORES URBANOS:
ASPECTOS DO COTIDIANO**



**CAMPINA GRANDE-PB
JULHO DE 2009**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – CAMPUS II
CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

AVANI PALMEIRA DE ARAÚJO

ALAGOA NOVA E OS MORADORES URBANOS:
ASPECTOS DO COTIDIANO

CAMPINA GRNDE-PB
JULHO DE 2009

AVANI PALMEIRA DE ARAÚJO

**ALAGOA NOVA E OS MORADORES URBANOS:
ASPECTOS DO COTIDIANO**

Monografia apresentada ao curso de história como requisito essencial para a conclusão de Bacharelado em história pela Universidade de Campina Grande.

Orientador: Antonio Clarindo B. de Souza.

CAMPINA GRANDE-PB

JULHO DE 2009

AVANI PALMEIRA DE ARAÚJO

**ALAGOA NOVA E OS MORADORES URBANOS:
ASPECTOS DO COTIDIANO**

Monografia apresentada em 24 de julho de 2009-06-25

BANCA EXAMINADORA

Antonio Clarindo B. de Souza

Orientador

Gevácio Batista Aranha

Examinador

Paula Fernandes

Examinadora



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Ao professor Antonio Clarindo B. de Souza, pela paciência que teve comigo como professor, no momento de minhas maiores dificuldades no curso de História e pela dedicação como orientador.

AGRADECIMENTOS

- A Deus, pela minha vida e existência de meus pais.
- Aos meus avós, Apolônio e Petronila (*in memoriam*), pelo exemplo de vida que me proporcionaram e estímulo pela História.
- A todos os demais professores e funcionários da Unidade Acadêmica de História, pela compreensão e amizade que demonstraram por mim.
- Em especial, ao Professor Alarcon Agra do Ó, pelo apoio que me proporcionou no início do curso.

RESUMO

Nesta monografia, procuro apresentar, com base nos princípios metodológicos da história oral e em alguns autores que estudam as práticas culturais do cotidiano, o resultado de uma pesquisa que iniciei quando concluí o Curso de Licenciatura em História, no ano de 2007. A pesquisa incide em alguns aspectos do cotidiano de famílias das classes média e menos favorecida, que residem em Alagoa Nova-PB, uma cidade de pequeno porte que teve origem no século XVIII. Tento mostrar o que fazem as pessoas no dia-a-dia, nos espaços públicos e privados. Quais são as artes, criações e improvisos para resistirem às práticas culturais já existentes e reinventar formas de subsistência, criando novas práticas culturais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 – CONTROVÉRSIAS DA HISTÓRIA ORAL	10
1.1 CULTURA E COTIDIANO	12
CAPÍTULO 2 – ALAGOA NOVA: O COTIDIANO E OS IMPROVISOS DA VIDA PRIVADA	15
2.1 A VIDA NO MEIO RURAL	17
2.2 A VIDA NA CIDADE	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS	
ANEXO I – ENTREVISTAS	
ANEXO II – FOTOGRAFIAS	

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de pesquisa iniciada em 2007, ao concluir o curso de licenciatura em história, cujo título é ‘Alagoa Nova e os moradores urbanos: aspectos do cotidiano’, desenvolvido entre o final de 2008 e início de ano de 2009, e tem como suporte teórico os princípios metodológicos da história oral com entrevistas realizadas com algumas famílias das classes menos favorecidas que residem nas áreas mais carentes da cidade, mas, também, com famílias mais abastadas que residem em bairros nobres.

Os entrevistados são homens e mulheres entre os 45 e 80 anos de idade, num total de 14 pessoas, que falam de suas vivências, de seus costumes e hábitos no dia a dia, o que me chama a atenção para as mudanças ocorridas no decorrer de suas vidas. Dessas entrevistas, 04 estão anexadas nesse trabalho.

Falo do mesmo tempo e espaço que já pesquisei sobre as formas de urbanização 1982-2007 – Alagoa Nova-PB, terra natal, cidade com uma área de 120 km², sendo 5 km de área urbana e uma população de 19.146 habitantes, ligada ao meio rural, localizada no Brejo paraibano – dando continuidade a esta mesma linha historiográfica e ciente da importância de testemunhos para o registro da história. Utilizo-me deste método e, através de visitas domiciliares, ouço as pessoas que falaram de suas relações no cotidiano, da vida privada, dos seus costumes, da convivência na vida familiar íntima e na vizinhança.

Com esse trabalho, pretendo conhecer, analisar e tornar visível um pouco da história do cotidiano de famílias que moram em Alagoa Nova-PB, cidade na qual nasci e resido até os dias atuais. Procuo analisar o que fazem no seu dia a dia, as invenções, artes e improvisos, para subsistirem e/ou resistirem à ordem das práticas culturais impostas pela sociedade dos saberes poderes, que desde o processo civilizatório passou a cobrar mais do comportamento das pessoas, influenciando na vida privada na casa que, passou a ter separação de cômodos e utensílios para cada necessidade, estabelecendo a privacidade das famílias, mas que, com suas práticas do dia a dia, vão produzindo uma nova cultura. Como exemplo dessa produção cultural, podemos citar o hábito de comer na sala. Isso é comum entre as famílias pobres que possuem apenas uma televisão, que geralmente fica na sala de visitas.

A cozinha deixa de ser o espaço onde as famílias se reúnem e fazem suas refeições. Agora é o cômodo da casa onde apenas são preparados e cozidos os alimentos. E a sala passa a ter outra serventia: além de receber e acomodar as visitas, é o espaço onde a família pode se juntar para se alimentar, assistindo algum programa na TV.

Assim, a minha preocupação é mostrar como se efetiva a vida privada dessas famílias no seu dia a dia: quais são as práticas culturais e os possíveis conflitos na vida privada e com a vizinhança; quais as invenções, criações, artes e improvisos das pessoas para subsistirem às possíveis dificuldades do seu cotidiano, observando também que sentidos elas dão à vida privada, à casa e aos objetos de uso, pois cada pessoa dá sentidos diferentes às coisas a partir de sua cultura. Nessa perspectiva procuro identificar as práticas do dia a dia, já que a cultura do cotidiano está ligada à vida humana, sob todos os aspectos.

No capítulo I deste trabalho apresento o que dizem alguns autores sobre a importância da história oral, como uma técnica e arte dos indivíduos. Falo com base em Certeau¹, sobre a história do cotidiano, enfatizando que as pessoas vivem alterando os objetos e se reapropriando dos espaços para viver. Vejo também alguns seguidores de Certeau: Giard², *Invenção do Cotidiano 2: morar, cozinhar*, que define o cotidiano como “aquilo que nos prende intimamente a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este mundo memória, memória olfativa, memória dos lugares, da infância, memória do corpo, dos gestos, dos prazeres, um mundo que amamos profundamente. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível”.

Também observo a concepção de Foucambert³, que defende cultura como “o conjunto das práticas individuais e coletivas de um determinado grupo social, o conjunto das relações estabelecidas que, por sua vez, definem ferramentas, saberes, valores, obras”. De acordo com este autor, cada ser vivo, ao interagir com o conjunto das práticas do meio do qual participa, já contribui para transformar as práticas culturais, criar no grupo uma nova cultura.

Baseada em *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*⁴. Discorro ainda sobre o que os autores procuram entender sobre o que é a vida privada no cotidiano das famílias no momento contemporâneo de tensões e luta pela sobrevivência, num mundo “globalizado” com novas técnicas como: o computador, a internet e a televisão. O que seria hoje público e privado ou o que separa essas duas esferas se, a casa está visitada, cercada por estas novas técnicas que difundem-se no cotidiano e invadem com informações públicas o espaço do privado.

¹ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer*. 3 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1998.

² CERTEAU, Michel, Giard. LUCE & MAYOL, Pierre. *A Invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar* Petrópolis RJ. Vozes, 1997.

³ FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

⁴ *História da Vida Privada no Brasil: Contraste da Intimidade Contemporânea* vol. 4; 1998.

No capítulo II, abordo o objeto da pesquisa, o cotidiano⁵ das famílias Alagoanovenses, com base nas entrevistas de pessoas que dão testemunhos de suas experiências e vivências na infância, juventude e na atualidade da vida cotidiana. Elas falam de suas práticas, artes, improvisos e invenções do dia a dia para subsistirem. Como diz Certeau, o homem vive inventado e reinventando sua cultura, até mesmo por uma questão de sobrevivência. As pessoas improvisam formas de vida para superarem as dificuldades do dia a dia.

A minha pretensão é mostrar como se efetivam alguns aspectos da vida privada⁶, as práticas culturais, continuidades e descontinuidades, os improvisos das pessoas para subsistirem. Fazer uma análise das novas culturas produzidas e que sentido as pessoas vão dando à vida privada, à casa e aos objetos de uso, ou seja, o que é possível identificar como práticas culturais no dia a dia das famílias, já que a cultura do cotidiano está ligada à vida humana sob todos os aspectos.

A minha escolha por esta linha de pesquisa, tendo como objeto o cotidiano das famílias alagoanovenses, principalmente das menos favorecidas, se dá pensando na possibilidade de tornar visível e acessível aos leitores um pouco dessa história, essencialmente aos que residem naquela cidade, para que possam compreender historicamente, e, talvez, refletirem sobre os significados de suas práticas.

Assim, nessa perspectiva, espero que este trabalho possa contribuir para ampliação dos conhecimentos a respeito da cidade e como estímulo para que outras pessoas se interessem por esta linha de pesquisa, para que Alagoa Nova possa ter a sua história contada e conhecida por aqueles que desejarem, pois julgo interessante ao historiador começar pela sua história mais próxima.

⁵ Entendo o cotidiano como aquilo que fazemos todos os dias, a rotina da vida pública e privada, continuidades e descontinuidades, as construções e desconstruções, invenções e reinvenções. Ou até mesmo como destruição do “velho” e construção do “novo” na busca da subsistência. É a vida, as possibilidades de luta que ela oferece na busca dos nossos objetivos.

⁶ Vida Privada, a casa, espaço doméstico, universo das relações mais íntimas essenciais para o convívio social da família; espaço de criações, invenções e improvisos de hábitos e costumes para resistirem às práticas culturais impostas pela sociedade do poder.

CAPÍTULO I

CONTROVÉRSIAS DA HISTÓRIA ORAL

Neste 1º capítulo, enfatizarei, num primeiro momento, algumas questões relacionadas à história oral, observando as controvérsias que esta provoca entre os historiadores ao tentarem encontrar uma forma convincente para definir o que seria essa prática metodológica, e num segundo momento, nesse mesmo capítulo, discorro sobre Certeau, na visão de alguns de seus colaboradores, citados na introdução deste trabalho, sobre cotidiano e cultura, observando também a visão dos autores da Coleção História da Vida Privada no Brasil, citada na introdução deste trabalho.

Sobre história oral, me vali da coletânea organizada por AMADO e FERREIRA⁷, a qual apresenta a visão de alguns autores como CRUIKSHANK, MIKKA, IAN, LOZANO e outros que concebem a história oral como uma metodologia, mas apontam outros caminhos para defini-la, questionando que como metodologia a história oral apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho, consegue elaborar perguntas como fazem outras metodologias. Sendo uma metodologia, a história oral consegue enunciar perguntas, mas não dispõe de instrumentos capazes de compreender os tipos de comportamento descritos. Apenas a teoria da história é capaz de fazê-lo, pois pensa os conceitos de história e memória. A interdependência entre prática metodológica e teoria produz o conhecimento histórico, mas é a teoria que oferece os meios para refletir sobre esse conhecimento embasando e orientando o trabalho dos historiadores. Para outros, a história oral é uma técnica, no entanto, falam que, se considerada uma técnica, centrará em temas como organização de acervos, realização de entrevistas. Para Lozano⁸, a História oral é mais do que uma decisão técnica ou de procedimentos:

É um espaço de contato e influências interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos históricos sociais (LOZANO, 1994).

⁷ AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). Usos & Abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998.

⁸ LOZANO, Aceves; EDUARDO, Joge. *Practica y estilos de investigación en la historia oral contemporânea: história y fuente oral*. Barcelona: Universitat de Barcelona (12), 1994. p. 143-150.

Todavia, ainda há os que defendem a história oral como disciplina, mas questionam: se concebermos a história oral como disciplina, há dois caminhos possíveis que são problemáticos: “esquecermos” as questões exclusivas da teoria, deixando de abordá-los em nossos trabalhos, ou tentarmos encontrar respostas para elas apenas no âmbito da história oral.

Mas para Neethammer, também citado na coletânea, a história oral seria uma “técnica de investigação própria da história do século XX”, uma ciência auxiliar que está para a história do tempo presente, assim como a arqueologia está para a história antiga. No entanto, essa definição também não é bem aceita, porque negligencia tudo o que a história oral é capaz de trazer para o conhecimento de séculos mais remotos; também porque, pelas contribuições e pelo alargamento de perspectiva que ela já trouxe, a história oral parece ter demonstrado que é mais do que um simples aperfeiçoamento técnico ou um requinte metodológico. Entretanto, para os que postulam a história oral, status de disciplina parecem partir de uma idéia fundamental: a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos que norteiam as duas outras instâncias, conferindo-lhes significados e emprestando unidade no campo do conhecimento.

Para Mikka⁹, historiador contemplado pelos organizadores da coletânea, a história oral não pode ser pensada dissociada da teoria, pois pensar assim é o mesmo que conceber qualquer tipo de história como um conjunto de temas capazes de refletir sobre si mesma. Este autor ressalta que: “O corpus teórico da história oral precisa ser bem mais delineado, pois apesar de estar constituído, ainda é motivo de controvérsia”.

Também esses mesmos autores enfatizam a relevância de uma pesquisa com base na história oral, para descoberta de novos elementos que sustentariam que seu potencial documental e histórico iria além dos aperfeiçoamentos técnicos de uma simples “ciência auxiliar”, podendo, desde que utilizado com conhecimentos de causa, desembocar em verdadeiro salto qualitativo.

Fazer história oral, significa produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros. O historiador oral é algo mais que um gravador que registra os indivíduos “sem voz”, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a consequente análise histórica (LOZANO, 1994).

⁹ MIKKA, Ian. **What na earth is oral history?** In: ELIOT, Jamesk (ed.). *New trails in history*. Sydney, Australian Press, 1988, p. 124-136.

E ainda ressaltam que atualmente a história oral pretende mostrar sua potência, sua riqueza, suas dúvidas, seus problemas, seus desafios e seus resultados. Mas, apesar dos entusiasmos que ainda possam suscitar como método historiográfico, a história oral conserva uma espécie de rótulo de “segunda classe”, sendo menosprezada pelos seguidores de uma tradição um tanto clássica do historicismo e de algumas versões, atuais do quantitativismo e do subjetivismo rasteiro que subsistem nas ciências sociais em geral.

É nesse embate que a história oral caminha ganhando mais resistência, mais status. Se para alguns historiadores, sociólogos, psicólogos ela é uma técnica, uma disciplina, ou até mesmo uma metodologia, consideramos todas essas definições pertinentes, enfatizando que o mais importante é o trabalho do historiador no decorrer da pesquisa oral. O resultado de uma pesquisa pode trazer novidades interessantes desde que o pesquisador seja audacioso, tático, estrategista, mas cauteloso ao entrevistar testemunhas e ao produzir e analisar suas fontes. É necessário ver, ouvir, tocar, sentir e falar, para poder dar voz e sentido aos que têm suas reminiscências. É assim que percebo a história oral, sem querer menosprezar as demais. Ela é a que mais possibilita ao historiador se aproximar do invisível.

1.1 CULTURA E COTIDIANO

A coleção *História da vida privada no Brasil: Contraste da Intimidade Contemporânea*, contempla os modos de vida do público e do privado, o cotidiano das pessoas, olhando as especificidades de cada momento da história do Brasil. Na Colônia, como as rebeliões, formas de protestos escravos e formação da nacionalidade. No Império, o processo de consolidação da nacionalidade. Na República, a luta pela sobrevivência, a dinâmica da transição tecnológica da Nova República, observando as mudanças e reconhecendo as persistências, do processo de globalização a televisão, internet, que dita padrões de comportamento.

MARTINS¹⁰ fala dos limites da vida privada e ao retomar um passado mais recente marcado pelas transformações muito mais aceleradas, num país com uma economia globalizada, reconhecem que apesar de se dizer global, o Brasil compartilha espaços no mais absoluto “atraso” e a mais recente modernidade. Mostra como vive a população em algumas

¹⁰ MARTINS, Paulo César Garcez. **Habitação e Vizinhança:** limites da privacidade no surgimento das metrópolis brasileira. In: *História da Vida Privada no Brasil. Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

idades, o que fazem do seu dia a dia na casa, na rua, quais são suas singularidades. Observam os hábitos, costumes e rituais que celebram no recinto doméstico, nas ruas, nas igrejas e que significados as pessoas vão construindo com suas práticas. Quanto à casa, como o espaço doméstico, privado e íntimo, já não é possível hoje, pois as pessoas estão sendo visitadas todos os dias pela televisão, a principal diversão da população pobre no Brasil e que divulga os novos modelos, padrões de vida.

É neste contexto, que também vislumbro a tentativa de compreender como é o dia a dia das famílias que residem em Alagoa Nova, quais são suas práticas culturais, hábitos e costumes, o que fazem para subsistir às dificuldades do dia a dia. As pessoas que aqui residem compartilham dos mesmos espaços? Que usos fazem dos espaços e quais os significados? Será que tiveram mesmo suas casas invadidas pelas novas tecnologias, máquina de lavar, televisão, vídeos e internet? Ou será que esse modernismo ainda é privilégio de uma classe social? O que se entende por privado? É a vida íntima, doméstica ou a propriedade?

Para tentar entender todas essas questões, retorno ao que dizem alguns autores citados na introdução deste trabalho, sobre cultura e cotidiano. Em seguida, no 2º capítulo, analiso a fala de pessoas entrevistadas que dão testemunhos sobre o seu cotidiano.

Foucambert, discorda dos que defendem a cultura como um patrimônio. Para este autor, ao interagir com o conjunto das práticas da qual participa, o indivíduo contribui para criar no grupo uma nova cultura que transforma tais práticas. Portanto, a cultura não é um patrimônio, mas uma prática totalmente relacionada ao grupo que a cria.

Entretanto, Certeau¹¹, ao destacar as dinâmicas relações sociais entre os sujeitos e os produtos culturais, enfatiza que, para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor das práticas sociais, é preciso que estas tenham significado para aqueles que a realizam. Para este autor, “cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um ‘marca’ aquilo que os outros lhe dão para viver e pensar”. Assim, diante do exposto, cultura é o que os indivíduos produzem, o que realizam com os produtos que criam ou recebem, sinais de suas artes de fazer. Portanto, ao concordarmos com Certeau, percebemos que a cultura está essencialmente no cotidiano; está ligada à vida humana sobre todos os aspectos, como define Giard:

¹¹ CERTEAU, Michel. **Cultura no plural**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

Cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver nesta ou noutra condição com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente a partir do interior. É um mundo memória que amamos profundamente, memória olfativa, dos lugares, da infância, memória do corpo, dos gestos, da infância, dos prazeres. Caminho de nós mesmos, quase em retirada, as vezes velada (GIARD, 1997, p. 31).

Já o autor Agra¹², que discute historiograficamente o conceito de cotidiano, diz que este vem perdendo suas características tradicionais devido às inúmeras transformações que sofreu, mas enfatiza que Certeau propõe estudar a cultura cotidiana como parte da vida das pessoas e táticas de sobrevivência no seu cotidiano, assim como um efeito de uma operação epistemológica que nomeia, corta, codifica e enquadra as experiências.

Para Agra, Certeau está preocupado com uma arte de fazer, em que o cotidiano é feito e refeito permanentemente num movimento de continuidades e discontinuidades e, com isso, Certeau desnaturaliza os lugares prontos e acabados. Dentro da multiplicidade das práticas cotidianas, o historiador tem que encontrar e interpretar os diversos significados e conteúdos da vida social, utilizando um método de fazer história indagativa, descobrindo as brechas, os espaços de fissuras, as improvisões da sobrevivência, as lutas e as relações cotidianas que se constituem nas diversas ocasiões da existência humana.

Assim, todos estes autores falam de cultura do cotidiano, contribuindo para pensarmos sobre as práticas culturais, como as pessoas vão se apropriando e reapropriando dos espaços, o que fazem no seu dia a dia para superar as dificuldades, quais os imprevistos, e que sentidos elas dão à vida privada, a casa e aos objetos de uso, produzindo nova cultura.

Assim, nessa perspectiva, e seguindo os princípios metodológicos da história oral, tento mostrar o resultado da pesquisa, fazendo uma análise de algumas fotografias e dos relatos de testemunhos, que foram gravados e anotados por mim, em um caderno, no momento em que realizava as entrevistas. E em seguida transcritos em total sigilo e apresentado aos entrevistados que autorizaram a publicação. No entanto, a análise incide, em alguns aspectos do cotidiano de algumas famílias das classes menos favorecidas e também da mais abastada que residem em Alagoa Nova-PB, na vida pública e privada, tratando das práticas culturais, evidenciando a forma de vida, os arranjos e imprevistos para subsistir.

¹² AGRA, Luciano. **É possível definir historiograficamente o conceito de “Cotidiano”?** Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/10834/1/e-possivel-definir-historiograficamente-o-conceito-de-cotidiano/pagina1.html> - Acessado em 05 de maio de 2009.

CAPÍTULO II

ALAGOA NOVA: O COTIDIANO, NOS IMPROVISOS DA VIDA PRIVADA

Neste capítulo, reporto-me especificamente à cidade de Alagoa Nova-PB. Inicialmente, apresento alguns aspectos históricos e geográficos e, em seguida, fragmentos da história do cotidiano, tentando mostrar como é o dia a dia de pessoas que residem em uma cidade de pequeno porte, quais são suas práticas e improvisos para superar as dificuldades e subsistir.

Em 2007, quando pesquisei sobre as formas de urbanização em Alagoa Nova PB, constatei através de algumas fontes de pesquisas, como decretos, Leis na Câmara Municipal e no livro *Alagoa Nova: Notícias para sua História*¹³, que a cidade teve origem de uma Concessão de Terra em 1763, em um local conhecido como “Olho D’água, limitado com uma área que pertenceu aos índios cariris, que para cá vieram, fugindo das regiões secas do Sertão. Essa localidade, de dominação indígena conhecida como “Aldeia Velha”, também foi ocupada por missionários que para cá vieram com o objetivo de catequizar.

O povoado formou-se nas proximidades de uma lagoa em 1763. Em 1790 passou a distrito, pertencendo à Vila Nova Rainha (atual Campina Grande). Foi elevada à Vila em 1851. Logo após a instalação da Vila, a população já totalizava 6.975 habitantes, mas em 1872, com a realização do primeiro censo no Brasil, 12.592 pessoas já residiam em Alagoa Nova. Em apenas 21 anos a população aumentou 50% aproximadamente. As pessoas que chegavam vinham de regiões secas, supostamente atraídos pela fertilidade das terras que continuavam primitivas e por ser localizadas no Brejo Paraibano, numa região chuvosa.

Em 1904, Alagoa Nova desmembrou-se de Campina Grande. A vida, apesar de muito precária, ainda continuava pacata. Até 1920 não tinha iluminação pública e, no mesmo ano, teve seu nome modificada para Laranjeiras. No entanto, em 1938, voltou a ter o nome de origem.

Conforme o censo do IBGE, pesquisa realizada em 2000, a população de Alagoa Nova, é de aproximadamente 19.000 habitantes. Com uma área de 120 km², sendo 5km² de

¹³ SALES, José Borges de. *Alagoa Nova: Notícias para sua história*. Fortaleza, Gráfica Editora R. Esteves tipogresso Ltda. 1990.

área urbana, Alagoa Nova limita-se com as cidades de Esperança, Remígio, Areia, Lagoa de Roça, Alagoa Grande e Lagoa Seca. Possui clima temperado e formas de relevo variadas.

Após o surgimento da cidade, como já foi explicitado, a população do Município foi crescendo rapidamente. O que contribuiu para esse crescimento, supõe-se ter sido a fertilidade das terras, porque a agricultura era a base da subsistências e de sustentação econômica.

No início da década de 1980, a cidade continuava pacata, mas com o colapso dos engenhos que davam sustentação econômica ao município, com a monocultura da cana de açúcar e produção de rapadura e aguardente, as famílias começaram a migrar para a cidade, resultando no maior êxodo rural da história de Alagoa Nova, contribuindo para o surgimento de vários problemas sociais. O mais agravante na época foi a falta de habitações e trabalho.

A “expulsão” dos canavieiros intensificou-se mais precisamente, na década de 1980, porque eles estavam exigindo direitos trabalhistas como carteira assinada, férias, décimo terceiro e os proprietários se sentiam ameaçados, pensavam que iam perder suas propriedades. A saída dos canavieiros, complicou tanto as suas vidas quanto a dos senhores dos engenhos. Os primeiros, porque ficaram sem trabalho e tiveram que se adaptar a outra forma de vida e, os segundos, porque tiveram que indenizar seus trabalhadores, correndo o risco de falência, já que a produção da cana de açúcar estava decaindo.

Essas pessoas que saíam da agricultura, por “falta” de terras para trabalhar vinham para a cidade, ainda que continuassem ligados à agricultura. Dos que vieram para a cidade, muitos continuaram trabalhando no cultivo agrícola, nos canaviais. Iam e vinham todos os dias, uns a pé, outros em “paus de arara”, em cima de caminhões, totalmente expostos ao sol e à chuva. Alguns tomaram outro rumo. Pais de famílias e alguns jovens viajaram para outras regiões, como São Paulo, Rio de Janeiro e cidades mais próximas em busca de trabalho para sua subsistência e de sua família, tendo que se separar de seus familiares e se adaptar a outra cultura.

Hoje são pessoas com mais de 60 anos que vieram da zona rural, nas décadas de 1970 e 1980, pelos motivos já explicitados, mas ainda estão ligadas às atividades agrícolas e muitos tiveram que se adaptar a outras atividades, como falou o Sr. Antonio¹⁴: “Sou agricultor, mas desde que sai do sítio fui aprendendo a fazer outras coisas. Trabalho com fabricação de móveis, pinturas, instalações elétricas, servente de pedreiro e conserto alguns objetos quando estou de folga.”

¹⁴ Entrevista com o Sr. Antonio Gomes de Souza, concedida à autora, Avani Palmeira de Araújo, em 14/03/009.

O senhor Antonio é alfabetizado e não trabalha mais na agricultura, mas mesmo assim se auto identifica como agricultor e apesar de todas as atividades que executa, percebe-se que a sua mentalidade continua ligada à agricultura. Ele foi inventando formas de subsistência, aprendeu vários ofícios através de experiências. Isso também legitima o que diz Certeau, que as pessoas vivem entre o dado e o criado, inventando e reinventando situações para sobreviver. Tudo isso são formas de vida, maneiras que os indivíduos criam no cotidiano, para vencer as dificuldades.

2.1 A VIDA NO MEIO RURAL

Quando moravam nos engenhos, todos trabalhavam no cultivo da cana de açúcar e na agricultura de subsistência. As mulheres além de cuidar dos filhos, da casa e do cultivo agrícola, ainda prestavam algum serviço na casa grande do Engenho, nos trabalhos domésticos, como relata a Sr^a Romana¹⁵, que veio para a cidade na década de 1970:

Quando eu morava no engenho Lagoinha, fazia os serviços da casa-grande e ainda cuidava da minha casa, dos meninos e trabalhava no roçado. Plantava milho, feijão, mandioca. O pior era arrancar o feijão. Levava os meninos para ajudar, mas eles ficavam se coçando, tinha bichos. Muitas vezes matei cobras. Mas eu levava para casa na cabeça para tirar as folhas e botar pra secar. A mandioca também arrancava, rapava, moía e fazia a farinha, só que todo mundo ajudava, a gente sempre fazia no sábado para o domingo, ficava o dia e a noite na casa de farinha trabalhando e quando terminava ainda tinha que deixar a conga para o patrão. Só era bom porque todo mundo aproveitava para conversar, contar estórias, era uma festa.

Assim era a vida nos engenhos. Além do trabalho exaustivo, quando chegavam em casa, enfrentavam o desconforto, tinham que cozinhar os alimentos com lenha em fogão feito no chão com barro, fumaça incômoda invadindo a casa, dormiam em redes, ou em camas improvisadas no chão, feitas com varas e palha de bananeiras, com também falou a Sra. Romana. Essa questão de dormir em camas improvisadas, é bem característico do Sítio Lagoinha, pois me lembro, que quando adolescente, na década de 1970, nessa mesma denominação, numa propriedade próximo ao engenho Lagoinha residiam meus pais e eu muito curiosa saía sem que eles percebessem e ia até a casa de um vizinho para observar a casa, pois me parecia muito esquisito um quarto cheio de palhas de bananeiras espalhadas pelo piso de barro, que ficava sempre trancado, e ao interrogar uma das moças, ela me falou

¹⁵ Entrevista com a Sra. JOSEFA DE ODATA FILHA. (Romana) Concedida a autora: Avani Palmeira de Araújo em 16/03/009.

meio receosa, que toda família dormia ali em cima das palhas. Nessa mesma residência observei que para cozinhar os alimentos faziam um fogo com tijolos no chão e muitas vezes observei panelas cheia de sementes de jaca que cozinhavam para servir de refeições.

Portanto, nota-se aqui uma questão de pobreza. Precisam improvisar suas formas de vida, como dormir, os alimentos, é a própria necessidade que obriga as pessoas a criarem suas formas de subsistência, que vão se modificando conforme as possibilidades de transformações no decorrer do tempo. Século XX, é tempo de modernização, de “progresso”. O mundo está sendo globalizado, é assim que anunciam os jornais a televisão, as revistas, os que ditam os Padrões modernos de globalização. Essa comunidade do poder que dita as regras dos novos padrões faz com que acreditemos nesse novo mundo modernizado, de muito conforto, onde as pessoas não utilizam mais fogões à lenha, em que as famílias não precisam mais improvisar camas e lavar roupas manualmente. Essas coisas não se usam mais, porque estamos vivendo a era da substituição do “velho” pelo “novo”.

No entanto, quando vamos para a realidade, nos deparamos com situações completamente diferentes e constrangedoras. É verdade que houve mudanças e que essas mudanças geraram benefícios, conforto, apesar dos malefícios, mas todos não foram atingidos com esse “progresso”. Com essa modernização, como reconhecem os autores da coleção História da Vida Privada, que apesar de o Brasil ser um país que faz parte de uma economia globalizada, compartilha espaços no mais absoluto atraso. Até hoje no século XXI, vivendo a pós modernidade, alguns não possuem televisão e computador, os quais são privilégio das classes mais favorecidas. Os pobres quase não tem acesso e até mesmo as escolas, ainda não foram todas informatizadas, a exemplo disso posso citar a Escola Estadual Professor Cardoso, na qual leciono, que possui apenas um computador para uso exclusivo dos funcionários da diretoria.

As formas de vida dessas pessoas pobres que ocupavam a zona rural era de muitas dificuldades, porque até a década de 1980 existia iluminação apenas em algumas áreas rurais do município. Sem iluminação elétrica e à luz de uma lamparina criavam maneiras para subsistir. As diversões eram ouvir rádio, as conversas durante o trabalho e antes de dormir. Os mais velhos contando histórias, as brincadeiras de rodas, bolas de gude, passeios a pé ou a cavalo na propriedade observando as plantações e os animais. Os banhos nos rios e aos domingos, dia de feira, os chefes de famílias iam à cidade fazer a feira, comprar querosene para as lamparina e alguns alimentos. Outros compravam ali mesmo porque o proprietário do engenho tinha junto à casa grande um “barracão” onde os trabalhadores podiam fazer suas

compras da semana. Muitos, ao invés de fazer a feira investiam na bebida e voltavam para casa alcoolizados, sem os alimentos para seus filhos, deixando-os passar privações.

Assim, percebemos que, apesar das dificuldades na forma de viver dessas pessoas quando moravam no meio rural, elas encontravam maneiras para se distraírem e de uma forma ou de outra, todos se divertiam até mesmo nas horas de trabalho. Portanto, as pessoas vão inventando e reinventando maneiras, para tornar a vida menos monótona. A Sr^a Romana falou que quando morava no sítio se divertia no trabalho, nas casas de farinha, pois era o momento em que toda a família se juntava para fazer a farinha da mandioca e aproveitavam para contar histórias muito engraçadas. Já o Sr. Antonio, que morava no sítio Titara e veio morar na cidade há 30 anos, falou com uma certa melancolia dessa mesma ocasião, e quando o indaguei sobre o que mais ele gostava de fazer quando morava no sítio, ele disse: “De fazer farinha, porque a família se juntava e era uma festa na casa de farinha. Todo mundo conversava, contava histórias e piadas, brincava, era muito animado.”

2.2 A VIDA NA CIDADE

Apesar das dificuldades e simplicidade na forma de se divertirem, alguns sentem saudade de quando moravam nos canaviais. Em todos os lugares há dificuldades e na cidade apesar de ser diferente, surgiram outros problemas sociais, como diz o Sr. Heleno¹⁶:

Quando tinha os engenhos, todo mundo trabalhava, ganhava dinheiro. Hoje, mora todos na rua sem trabalho. O que fazem é beber cachaça, correr de moto, e arrumar confusões, até roubar. Ninguém pode mais sair de casa.

Percebe-se que a vinda dos canavieiros para a cidade contribuiu para a expansão urbana e pode ter trazido algum benefício, mas, conforme depoimento, existe marginalidade no dia a dia dessas pessoas. Apesar de ser uma cidade excluída de certos benefícios e malefícios da modernidade, não haver fontes de trabalho, as pessoas se arrumam como podem, criam forma de trabalho, de lazer, de alimentação, esporte e até de como cuidar da saúde. Não vivem só da marginalidade. Não ter emprego não significa necessariamente que uma pessoa não trabalhe, há muitas formas de trabalho para subsistência. É tanto que, em todos os recantos de ruas ali em Alagoa Nova, comercializa-se algum tipo de mercadoria, frutas, cereais, bebidas, lanches e outros.

¹⁶ Entrevista com o Sr. Heleno concedida à autora AVANI PALMEIRA DA SILVA no dia 05/04/009.

Há os carroceiros, comerciantes ambulantes, que saem pelas ruas oferecendo suas mercadorias: frutas, leite e até mesmo água que vão pegar nos poços nas redondezas do município; há as sacoleiras que vão nas casas para vender os seus produtos: confecções, perfumes e até mesmo produtos medicinais feitos de algumas plantas utilizadas para curar gripes, como por exemplo, o lambedor que é muito comum ali. Existe até uma família que há quatro anos fabrica esse produto em casa e sai vendendo nas residências e na feira livre.

Todas essas formas de subsistência vão sendo criadas. É a própria necessidade de subsistir, a vontade de viver que contribui para as invenções dessas práticas. Mesmo que seja formas ilícitas de trabalho, não aprovadas pelas leis, mas, as pessoas resistem. A Sra. Gilvanilda¹⁷, fabricante do tradicional “lambedor para gripes” declara:

Eu, meu esposo e meu filho não temos emprego, então o jeito é ir se virar como pode. Eu faço o lambedor e eles vendem. Meu esposo vende na feira, meu filho vende em casa e eu também vendo nas casas. O ganho é pouco mas dá pra gente arrumar uns trocados para ir vivendo.

Essa prática também vem legitimar o que Certeau enfatiza, que cultura é o que os indivíduos produzem, o que realizam com os produtos que criam, ou recebem, sinais de suas artes de fazer. Mas, percebe-se uma certa angústia nessas pessoas, elas reclamam da falta de emprego e não estão satisfeitas com a atividade que desenvolvem, não tem a visão de que essas atividades também são trabalho. Trabalhar não é só quando se tem a carteira assinada e uma remuneração certa no final de cada mês.

O interessante é que essas atividades também são exercidas com uma forma de complementação salarial por pessoas que dizem não ganhar o suficiente para se manter e complementam seu orçamento com o que adquirem fabricando e vendendo algum produto como diz a S^a Rita¹⁸:

Eu sou aposentada, mas ainda trabalho, faço licor caseiro para vender, e o que ganho com as vendas me ajuda bastante. Dá para pagar a luz, a água e comprar alguma coisa.

¹⁷ Entrevista com a Sra. GILVANILDA VALDEVINO DOS SANTOS, concedida à autora AVANI PALMEIRA DE ARAÚJO em 07/04/2009.

¹⁸ Entrevista com a Sra. RITA MARQUES DA SILVA, concedida à autora Avani Palmeira de Araújo, em 14/03/2009.

Foto 01: Sr^a Rita Marques da Silva – licor caseiro.



Fonte: Avani Palmeira, 2009.

Religião

Foto 02: Festa da padroeira do bairro de Santa Luzia.



Fonte: Acervo da Capela de Santa Luzia, 1995.

Quanto à religiosidade, a população é extremamente praticante e seguidores do catolicismo. Muito embora, o protestantismo também tenha se proliferado. Todavia, as pessoas com quem conversei demonstram um certo preconceito com outras religiões e seitas. Alguns católicos, defendem que o catolicismo é a religião de Jesus Cristo, insinuando que é a melhor, dando a esta uma certa supremacia, como falou a Sra. Lunalva¹⁹:

Sou católica desde que nasci, pois meus pais já seguiam essa religião, e também é a religião de Jesus Cristo, nós devemos ser fiéis a ele.

Esta senhora demonstra um certo apego ao catolicismo, como se esta religião fosse uma tradição de família, quando ela diz que os pais também eram católicos. Diferentemente da senhora Francinete²⁰, que rompe com esse tradicionalismo, afirmando que seus pais sempre foram católicos, mas ela depois de casada optou pelo protestantismo e, no entanto, defende que nenhuma religião salva. A salvação depende das nossas ações e vem de Deus. Parece que as pessoas sentem vergonha de confessar alguma relação com outras crenças. Os entrevistados que indaguei disseram nunca ter frequentado nenhum terreiro de Umbanda ou Candomblé e mostram um certo receio ou desconfiança com os que praticam essas crenças, como enfatiza a Sra. Adalgisa²¹:

Eu não vou a rezador, Deus me livre. Eles inventam que a gente tem feitiço. Eles pegam ‘porcarias’ e enterram no quintal da pessoa que foi se rezar que é para a pessoa acreditar e dá dinheiro pra eles. Eu conheço uma pessoa que ficou de esmola porque acreditou num macumbeiro.

Ao falar de sua desconfiança com esta crença, esta senhora confessa seu preconceito e denuncia uma outra prática, o charlatanismo de alguns praticantes dessas crenças, em Alagoa Nova.

Mas, a cidade ainda mantém a tradição das festas de padroeiros com parques de diversão, pavilhão, barracas nas ruas. A festa que mais se destaca é a festa de Santa Ana, Padroeira da cidade, celebrada durante as últimas semanas do mês de julho, com novena na igreja matriz, parque de diversões, pavilhão e barracas na rua. O mês de maio é dedicado à Maria mãe de Jesus e são os 31 dias de novena rezada na igreja e algumas pessoas costumam

¹⁹ Entrevista com a Sra. LUNALVA IDALINA, concedida à autora AVANI PALMEIRA DE ARAÚJO em 05/04/2009.

²⁰ Entrevista com a Sra. FRANCINETE MARQUES DA SILVA, concedida a autora Avani Palmeira de Araújo em 04/03/2009.

²¹ Entrevista com a Sra. ADALGISA COSTA CARDOSO, concedida a autora AVANI PALMEIRA DE ARAÚJO em 08/03/009.

rezar em casa encerrando com queima de flores, um hábito antigo dos católicos desta região, no entanto, essa prática acontece mais no meio rural. Entretanto, ainda há outros santos padroeiros dos bairros, que são homenageados com festas em determinadas épocas do ano: São Sebastião, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida e outros. Além do mais, há vários grupos, pastorais que se juntam para rezar. Nas terças-feiras, os homens vão à matriz para rezar o terço e nas sextas, as mulheres. Há oficinas de orações e missas nas quartas e sextas-feiras, sábados e domingos. Ainda há um terço nas sextas numa praça na comunidade Santa Luzia. Em entrevista com uma das pessoas fundadoras deste terço a Sra. Fátima²² falou que:

Nós começamos a rezar esse terço já fazem quatro anos, porque aqui nesta praça estava acontecendo muita violência, as pessoas se juntavam para fazer coisas erradas, tinha muita briga, principalmente dos jovens que estão sempre envolvidos com alcoolismo e com as drogas. Rezamos para que Deus afaste os males, já que o homem aqui da terra não resolve.

E ainda rezam quando há alguém enfermo. Costumam convidar o Pe. para oferecer a extrema-unção e depois que morre fazem o ritual de encomendação do morto com orações, cânticos, água benta e ainda seguem cantando e rezando até o cemitério. Esse ritual era realizado na Igreja Matriz. As pessoas quando levavam o corpo para a sepultura antes entravam na igreja para esse ritual, agora é feito em casa, porque recentemente o Pe. em consenso com a comunidade religiosa tentou “romper” com esse costume. Porém, observei que há uma certa exceção. Esse ritual ainda é realizado na igreja, apenas para os que assumiram alguma posição de destaque na sociedade por algum motivo. Ainda nesse mês de maio, na Igreja Matriz presenciei a cultuação de um corpo de um senhor que sempre colaborou com os serviços da igreja.

Portanto, percebo que a fé está muito presente, e as pessoas recorrem a Deus para pedir proteção e amenizar os problemas, conflitos sofrimentos do dia a dia. Ter fé, ser religioso pode até ser uma virtude, porém a religiosidade exacerbada cria nas pessoas, um certo conformismo caracterizando a falta de cidadania. Numa cidade onde os benefícios são escassos, falta segurança, saúde, emprego, as pessoas vivem sob ameaça da marginalidade. Como também falou o Sr. Heleno, citado anteriormente, deixando perceber que a cidade está desassistida socialmente e ao invés de reivindicarem, seus direito a uma vida digna, entregam tudo a Deus.

²² Entrevista com a Sr^a Maria de Fátima Ribeiro, concedida à autora Avani Palmeira de Araújo, em 10/05/2009.

Lazer

Foto 03: Restaurante localizado no bairro Santa Luzia.



Fonte: Avani Palmeira, 2007.

Durante a pesquisa tentei também observar o que fazem as pessoas para se divertirem e o que entendem por lazer²³. Em conversa com uma das entrevistadas, a Sra. Francinete, já citada neste trabalho, disse não gostar de diversão, mas os filhos se divertem indo aos eventos, às festas de ruas, bailes quando há, bebendo nos bares com os amigos, ouvindo músicas em festa de aniversário, batizado e casamento, quando são convidados e até mesmo com os programas de televisão. Assim, para esta senhora, lazer é um momento de diversão, quando as pessoas saem para beber dançar, brincar ou até mesmo em casa quando estão comemorando aniversário ou assistindo televisão.

Apesar de sempre ouvirmos a expressão popular: “E pobre se diverte?” Há ali em Alagoa Nova várias formas de diversão. Quando entrevistei a Sra. Ana Pereira²⁴ ela queixou-se do barulho que os jovens fazem no bar próximo a casa onde ela reside. Ligam o som do carro alto para ouvir músicas e dançar, e com isso não consegue assistir televisão e a Sra. Francinete disse que sua única diversão é a televisão, mas os filhos dela se divertem nos bares, bebendo e ouvindo músicas, também participam de alguns eventos como festas

²³ Entendo por Lazer o que as pessoas fazem nas horas de folga, para esquecer a fadiga, as mágoas e sofrimentos da vida e que pode ser saudável. Pode ser o descanso, um sono ou uma festa, depende das possibilidades de cada pessoa.

²⁴ Entrevista com a Sra. ANA PEREIRA DA SILVA, concedida à autora AVANI PALMEIRA DE ARAÚJO em 14/04/009.

juninas, natalinas, páscoa. Já os mais idosos disseram que se divertem na escola, nos grupos de dança, como falou a Sra. Lunalva:

Além de bordar, pintar eu também danço, já fui até para outras cidades, e Heleno também foi, eu vestida de Maria Bonita e ele de Lampião.

Foto 04: Comemoração da festa junina dos idosos na Casa da Família



Fonte: Avani Palmeira, pesquisa de campo, 2008.

Mas, a maioria das pessoas que entrevistei asseguraram que só há uma maneira para se divertir: assistindo os programas na televisão, as novelas, os jornais e aos domingos à tarde o “Domingo Legal” um programa apresentado por Augusto Liberato no SBT (Sistema Brasileiro de Televisão).

No entanto, a classe mais abastada, aproveita os domingos para sair. Alguns viajam para a Capital, vão à praia, outros aos bulevares para beber, ouvir música e almoçar. Geralmente, vão aos sítios para os pontos turístico do próprio município.

O que percebo é que, de uma forma ou de outra, todos se divertem como podem, e atualmente, a televisão assume papel preponderante, nesse aspecto da vida cotidiana. Apesar das mudanças e dificuldades, as pessoas vão inventando e reinventando maneiras para tornar a vida menos monótona. A Sr^a Romana que quando morava no Sítio se divertia no trabalho, nas casas de farinha, contando e ouvindo estórias engraçadas, hoje se diverte assistindo televisão.

É comum ali em Alagoa Nova, apesar da inconveniência, pois incomoda as famílias em seu recinto doméstico, nos finais de semana e feriados, por não ter outra opção de lazer, os bares da cidade serem frequentados por pessoas, grupos de amigos e até mesmo famílias que se juntam para beber, conversar, ouvir músicas e até mesmo dançar ao som dos carros ligado em alto volume, incomodando os vizinhos que reclamam, mas que nem sempre são atendidos, como falou a Senhora Ana, que mora vizinho a um bar:

Tem dia que a gente não consegue assistir televisão com o barulho. Agora não é nem o dono do Bar, são os rapazes que vem beber e ligam o som bem alto. O pessoal daqui já reclamou, não resolve.

Percebe-se que a falta de uma área propícia para atividades de lazer, com diversão ao público, como garante a constituição, que diz que todo indivíduo tem direito ao lazer, as pessoas se divertem como podem, criam suas opções, mesmo que estas práticas ultrapassem os limites, firmem as leis e incomodem os que estão na privacidade de suas casas para o descanso. A diversão que existe para o público são as festas religiosas tradicionais como já citei, as quadrilhas juninas e mais recente em 2006, foi dado início a Festa da Galinha Caipira, um evento que vem sendo realizado todos os anos depois do mês de Junho e atrai um grande público para a cidade.

Festas Domésticas

Foto 05: Festa de aniversário.



Fonte: Avani Palmeira, 1987.

É comum ali em Alagoa Nova, as pessoas comemorem com festas, os eventos e os ritos da vida: batizados, aniversários e casamentos em casa onde residem. Geralmente as famílias quando batizam ou casam seus filhos fazem um almoço para os padrinhos, parentes e amigos mais próximos e saboreiam a Galinha da capoeira, um dos pratos preferido da culinária ali em Alagoa Nova. Quando comemoram aniversários oferecem bolos, salgados e algum tipo de bebida. Porém, a Sra. Francinete, disse que já comemorou o aniversário de sua neta na “Miragem”, um salão de danças construído para realizações de festas dançantes, embora a proprietária também alugue para outros eventos. A casa desta senhora tem pouco espaço, uma característica da maioria das habitações populares, o que impossibilita a realização de grandes eventos, mas não impede que ela comemore o aniversário de sua neta como fez, alugando um salão próprio para festa e que fica nas proximidades de sua residência.

Daí a invenção de salões de festas nos bairros populares para atender os que desejarem festejar os ritos da vida, o que também caracteriza um investimento para a proprietária, uma forma de conseguir uma renda. Além da “Miragem”, há outros salões para este fim e as pessoas também, costumam comemorar esses eventos nas associações de bairros.

Habitações

A vida cotidiana dos canavieiros logo no início da chegada na cidade, apresentava quase os mesmos hábitos e ritmos da vida nos canaviais, ou até mais acelerado. A moradia era precária, casas com poucos espaços, banheiro tipo “casinha”, com um buraco no chão feito no quintal com serventia apenas para defecar, o banho tomava na cozinha, sem água canalizada. E geralmente uma habitação acomodava pais filhos e netos. Para cozinhar traziam lenha dos sítios por onde passavam ou onde trabalhavam. A pobreza não permitia a essas pessoas outra forma de vida. Todo dinheiro arranjado com a indenização dos tempos de trabalho nos engenhos, era investido na construção da casa em áreas um pouco afastada dos centros, em terrenos doados pela prefeitura.

A situação precária das casas e a pobreza das famílias impediam o estabelecimento da esfera da vida privada. O trabalho para os que não viajaram para outras regiões continuou sendo nos canaviais, porque a falência dos engenhos não aconteceu de imediato e até hoje alguns engenhos mudaram de dono, mas ainda estão com os seus fogos acesos no fabrico de mel e aguardente.

Mas as habitações dos canavieiros que no início da migração dificultava o estabelecimento da vida privada pela precariedade das construções foram sendo reconstruídas e ganhando mais espaços, novo formato, como disse a senhora Romana, já citada:

Essa casa era bem menor, quando compramos. Para cozinhar, fazia um fogo encostado à porta da cozinha, e o banheiro era no quintal, mas nós fomos aumentando aos poucos porque uma das minhas filhas casou teve filhos e ficou morando aqui.

Além dessas casas que foram ganhando mais espaços por causa dos nascimentos dos netos de filhos que se casavam mas continuavam morando com os pais, outros aglomerados foram surgindo em terrenos doados pela prefeitura, mudando a paisagem da cidade, geralmente em áreas acidentadas, situados em várzeas que inundam durante as chuvas, como é o caso do “Vila Nova”, recentemente construído nas proximidades do Ivaldolândia uma área de risco que inunda durante as chuvas, causando constrangimento à população que lá reside como declarou a Sra. Ana Celi²⁵ ex-moradora do conjunto Ivaldolândia:

Morei lá, mas não gostei, só vivia com medo e não podia dormir sossegada porque quando chovia, a água e a lama desciam e entravam nas casas. A gente achava que ia cair, por isso à noite eu saía com meu esposo e filhos para dormir na casa de minha sogra.

Esta senhora desponta, a precariedade das condições de vida nesses aglomerados. O mais surpreendente é que quando fiz essa entrevista em 2007, o gestor do Município estava fazendo o Plano Diretor da Cidade junto ao Ministério das cidades e com a participação de vários setores da comunidade, para garantir à população uma ocupação ordenada do espaço urbano, com infra estrutura de serviços e de atendimento básico ao cidadão, a fim de que este tenha uma vida digna como garante a Constituição Federal do Brasil de 1988, no art. 182. O plano Diretor foi concluído. No entanto, de volta ao Ivaldolândia, constatei que esse mesmo gestor deu continuidade às construções precárias em áreas de risco. Em 2008, no final de sua gestão o Prefeito Luciano Oliveira contradizendo o que diz o Plano, construiu em parceria com a Caixa Econômica o aglomerado já citado “Vila Nova”. Conversando com Sra. Luzia²⁶, mãe de sete filhos, moradora nessa mesma localidade, conforme fotografia, constatei que a situação é a mesma e talvez pior de quando estive lá em 2007. A vida dessas pessoas é um verdadeiro “caos”. Durante entrevista Luzia falou:

²⁵Entrevista com a Sra. Ana Celi, concedida a autora Avani Palmeira de Araújo em 26-07-2007.

²⁶Entrevista com a Sr^a Luzia Maria da Conceição, concedida à autora Avani Palmeira de Araújo em 06/04/2009.

Moro aqui porque não tem outro lugar, nem posso comprar, já vivo de uma pensão com esse tanto de filhos. Tem dia que ficou com as mãos na cabeça, na hora de fazer a comida para eles.

Diante do que presenciei, mesmo sem muitas perguntas, ali já havia muitas respostas. Na sala havia um televisor ligado sem antenas, com péssimas imagens. Para dormir havia duas camas de solteiros cobertas com roupas velhas, lençóis que servem de colchões. Como essas camas não dão para todos dormirem, também forram os lençóis no chão e dormem num mesmo espaço, um corredor que vai da entrada da casa até o final onde a senhora Luzia cozinha os alimentos. Para brincar as crianças ficam nos lamaçais. Cozinham num fogão à lenha que fica na saída que dá para o quintal sem trancas, próximo a uma barreira enorme que ameaça desabar sobre a casa. Para lavar as roupas Luzia vai até um poço, onde todos que residem nessa área, utilizam-se da água em péssima condição de higiene, como observa-se na foto abaixo.

Foto 06: Poço comunitário nas proximidades do Ivaldolândia.



Fonte: Avani Palmeira, 2009.

Esta é a vida de Luzia e de outras pessoas que residem nessa área, uma das mais pobres da cidade. No entanto, em algumas situações percebo que a pobreza não impossibilita a criação de um ambiente de menos desconforto. Nessa mesma localidade, entrei numa residência e presenciei que apesar da casa ser muito apertada, a dona da casa, que é aposentada e mora com uma filha e três netos, fez empréstimo e dividiu os cômodos, dando a cada espaço um significado. Assim a pequena casa tem cozinha, quartos, sala e banheiro,

muito apertadinhos, mas que dá para organizar a vida da família de uma forma mais digna, com um pouco de privacidade.

Mas, parece que algumas pessoas, por serem desassistidas socialmente, acreditam que ser pobre é viver nessa situação de miséria. Desconhecem as leis, e portanto não cumprem com os seus deveres, muito menos cobram os seus direitos. Alguns parecem nem sonhar com uma vida melhor, por isso não conseguem criar condições capazes de superar as dificuldades e amenizar o sofrimento, portanto, caem na marginalização, no mundo das drogas, causando medo e transtorno à população, como falou a Sra. Argentina²⁷ moradora do Ivadolândia:

Eu vou sair daqui, é muito perigoso, tem confusões e fica muito distante das coisas que a gente precisa. À noite ninguém sai porque é muito esquisito.

Dá para perceber a falta de privacidade nessas habitações. São casas muito apertadas, qualquer discussão, gritos ou até mesmo murmúrios que surjam chega aos ouvidos dos vizinhos, através das portas sem trancas ou das paredes conjugadas. Mesmo já no século XXI, ainda observamos algumas características das habitações do período das imigrações nas grandes cidades no século XVIII, como mostram, os autores no livro História da vida Privada no Brasil, que os banheiros das casas “a casinha ou a secreta” era feita no quintal com um buraco no chão onde se obrava em cima desse buraco. Estes também falam que os imigrantes dormiam no chão sobre jornais. Hoje, entre a população pobre ali em Alagoa Nova ainda encontramos famílias com situações parecidas com aquela. Alguns em sua habitação apertada dormem no chão sobre lençóis, porque a promiscuidade no interior dessas casas impedem o estabelecimento de uma esfera de maior privacidade.

Porém, essa situação não é a mesma nas famílias mais favorecidas, geralmente o número de pessoas por habitação é bem menor, as casas tem bastante espaço, o que possibilita o estabelecimento de uma esfera da vida privada favorecendo a reinvenção de novos espaços, como observei ao entrevistar a Sr^a Severina²⁸, aposentada que mora com o seu esposo numa casa de 7 cômodos. Na sala principal, que dá acesso ao interior da casa, não havia televisão, como é costumeiro as famílias colocarem uma televisão no centro da sala de visita. Ao indagá-la, respondeu-me:

²⁷Entrevista com a Sra. Argentina concedida a autora Avani Palmeira de Araújo em, 06/04/2009.

²⁸Entrevista com a Sra. SEVERINA FREIRE DE L. PINTO, concedida à autora: AVANI PALMEIRA DE ARAÚJO em 20/04/009.

Não gosto de colocar televisão na sala, porque acaba com os sofás, eu coloco numa sala que fiz só para assistir televisão, e também eu gosto de assistir televisão no meu quarto.

Essa tentativa de preservação dos sofás, contribui para a invenção de um outro espaço. A sala que servia para os dois papéis, recebia-se os que chegavam e assistia-se à TV, tem agora outro significado, é a sala de receber as visitas, sentar, conversar sem acesso à televisão. Assim, a televisão fica restrita à família, que tem sua privacidade estabelecida devido, não, somente a preservação do sofá, mas pela classe social a que pertence, porque ali existe mais de uma TV, inclusive a Sra. Severina disse que assiste à televisão no quarto onde dorme o casal, porque fica à vontade.

Porém, essa esfera da vida privada não é possível para outras famílias pobres que entrevistei, a exemplo da Sra. Luzia, que mora com sua família numa casa com pouco espaço e muito apertada. Sua vida privada é uma vida de privações, a única televisão que tem num corredor, que dá acesso ao interior da casa, apresenta péssimas imagens; uma das filhas reclamou dessa situação, dizendo que seria melhor vender a televisão, porque ninguém entendia o que estava passando. A única vantagem para essa família é que ela não tem o seu espaço privado violado pela televisão, assim não se sente atraída por coisas que não conseguem adquirir. Como a Sr^a Romana, que disse que o que mais gosta nas novelas é de copiar os modelos que as atrizes vestem para mandar fazer para ela, mas quando faz nunca fica do mesmo jeito.

Culinária

Um outro aspecto, chamou-me a atenção, que o principal prato de preferência das pessoas ali em Alagoa Nova, continua sendo feijão e arroz. Todos os entrevistados disseram que estes alimentos estão em suas mesas todos os dias. No entanto, enquanto conversava com a Sr^a Severina sobre culinária, ela falou do seu gosto pelo bolo pé-de-moleque. Este bolo é feito da massa de mandioca amolecida, que faz parte da culinária brasileira desde o período de colonização. Sua origem é indígena da mulher tupi, que utilizou a massa de mandioca mole na feitura de vários pratos, como é mostrado por (FREIRE, 2004, p. 193)²⁹. O bolo pé-de-

²⁹ FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime econômico Patriarcal: Apresentação de Fernando Henrique Cardoso*. – 49 ed. Ver. – São Paulo: Global 2004.

moleque é feito com a massa enrolada na folha da bananeira e cozinhado numa assadeira de barro no fogo à lenha ou carvão. Apesar das mudanças ali, em Alagoa Nova, na maneira de cozinhar, muito dos costumes antigos ainda permanecem, como cozinhar numa panela de barro, principalmente o feijão, é muito comum. Até mesmo o tradicional bolo pé-de-moleque ainda é feito por alguns quase da mesma forma de origem, como falou a Sr^a Laura³⁰:

Eu gosto do bolo pé-de-moleque, bem temperado mas feito enrolado na folha de bananeira e assado no fogo à lenha. Minha avó, e minha mãe já faziam assim, e quando eu faço também tem que ser desse jeito.

São costumes populares, que vão mudando sua forma de origem, conforme o avanço tecnológico, o surgimento de novos artefatos e a aquisição desses novos materiais, mas não deixam de existir, como falou a Sr^a Severina:

Eu gosto de bolo de mandioca mole. Gosto de fazer bem temperado com cravo, canela, erva-doce, coco e castanha de caju. É bom assado na palha da banana. Já fiz quando morava no sítio, mas agora eu faço numa assadeira de alumínio e asso no forno.

Portanto, o bolo Pé-de-Moleque é um alimento típico da culinária popular, mas também apreciado por pessoas das classes mais favorecidas como a Sra. Severina que mudou a forma de fazer o bolo. Ela não usa mais a folha da bananeira, mudando assim a forma primitiva que deu origem ao tradicional bolo Pé-de-Moleque, mas não o excluiu de sua cozinha. Assim, vamos percebendo que as pessoas vão criando, inventando e até mesmo improvisando formas de fazer as coisas, maneira de cozinhar, de dormir, de viver, de acordo com as necessidades do dia a dia e possibilidades de inventar para subsistir ou superar as dificuldades, como pode-se observar em algumas famílias.

Na casa da Sra. Luzia (já citada), moram 9 pessoas. Lá só há duas camas de solteiro. Para dormir ela forra roupas usadas, tecidos que servem de colchão. Ela disse que não pode comprar os colchões, mas mesmo assim improvisa um colchão que não oferece o mesmo conforto do colchão de espuma, no entanto, tem o mesmo sentido, serve para acomodar os filhos da Sra. Luzia na hora da dormida. O Sr. Antonio (já citado), também disse que para dormir, os filhos utilizam os sofás que ficam na sala de visita, porque são 9 filhos e não tem quartos para todos. Sabemos que para alguns, os mais abastados por exemplo, a principal serventia do sofá é para as pessoas sentarem repousar, conversar, assistir à televisão, no entanto, para essas famílias menos favorecidas, há outras serventias: serve

³⁰ Entrevista com a Sra. LAURA JOSEFA CANDIDO, concedida à autora Avani Palmeira de Araújo em 07/03/009.

como cama, além de sentarem para conversar fazer as refeições e assistir à TV, também deitam para dormir.

Na casa dessa mesma família do Sr. Antonio, percebi que havia um fogo à lenha um pouco afastado da cozinha, em um alpendre, e que a dona da casa a Sr^a Inácia, esposa do Sr. Antonio, estava cozinhando batata-doce numa panela de barro em um fogão à lenha feito no chão. Ao indagá-la porque ela utilizava panela de barro e um fogão à lenha improvisado no chão, respondeu que às vezes também cozinha com gás, mas nem sempre pode comprar, por isso tinha que cozinhar à lenha e ainda acrescentou que vai buscar nas matas e traz na cabeça. A Sra. Inácia ainda preserva o hábito de cozinhar na panela de barro, não pode comprar o gás, mas ela consegue a lenha e improvisa um fogão e não deixa de cozinhar os alimentos para sua família.

Cozinhar em fogão em panelas de barro e à lenha é mais comum no meio rural, mas essas pessoas, apesar de morarem na cidade vieram dos canaviais. Alguns costumes ainda são idênticos à época em que moravam na zona rural, apesar de também ser uma forma de resistir às mudanças, mas, essa “resistência” também é imposta pela situação em que vivem na pobreza. As pessoas são privadas do conforto que a modernidade oferece e isso faz com que elas criem formas de sobrevivência, como diz Certeau, as pessoas vivem entre o dado e o criado, elas dão sentidos as coisas a partir de sua cultura.

Relações de Vizinhaça

Um outro aspecto do cotidiano que tentei investigar foi as relações de vizinhaça. Ali em Alagoa Nova, foi possível observar que, apesar de ainda haver resquícios do tempo quando as pessoas costumavam sentar nas calçadas, até a década de 1980, por exemplo, para conversar, esta relação anda ameaçada. Quase todas as pessoas que entrevistei demonstraram um certo distanciamento da vizinhaça. É como se o “fim” desta relação estivesse se consolidando. Alguns se queixam da correria do dia a dia, outros dos perigos externos, como brigas e insultos de pessoas embriagadas, ou até mesmo de serem surpreendidos por motos, carros. Para outros as conversas com os vizinhos podem trazer malefícios (surgimento de fofocas), e ainda há os que preferem a televisão. Parece não existir mais aquele sentimento de amizade, confiança e solidariedade. As pessoas perderam a sensibilidade, preferem ficar em casa, assistir à TV ao invés de dá um pouco de atenção ao vizinho.

Parece que tanto a televisão quanto o capitalismo cada vez mais acirrado contribui para este comportamento das pessoas, que se tornaram cada vez mais individualistas e não dão mais importância à amizade dos que estão próximos. Até mesmo entre pais e filhos está havendo esse distanciamento que leva a falta de diálogo, um dos motivos para tanta violência e desestruturação nas famílias. No entanto, apesar dessa mudança a Sr^a Francinete (já citada) que trabalha mais de 12 horas por dia disse:

Me relaciono muito bem com os vizinhos, não tenho tempo pra conversar e a única vizinha que ainda converso é a que mora de frente com a minha área de serviço, nas horas que estou lavando roupas porque o quintal dela fica de frente à minha área de serviço.

Apesar das muitas horas de trabalho por dia a Sr^a Francinete consegue ainda uma maneira para conversar com a vizinha, enquanto lava as roupas. Isso demonstra a inversão de espaços, o que acontecia nas calçadas ou na sala de visitas por exemplo, agora acontece em outro espaço da casa. Na rua que esta senhora mora, na maioria das casas os quintais dão de frente com outro, o que ameaça a privacidade das famílias mas fortalece esta relação, enquanto fazem algum trabalho aproveitam para conversar.

Praças: espaços de tensões

As praças de uma cidade, geralmente são construídas para dá uma boa visibilidade a um bairro ou a uma rua e é por onde os transeuntes costumam passar, sentar, conversar, namorar, fotografar, mas algumas praças perderam este sentido, como é o caso de uma pracinha que fica junto à Quadra “Erasmu Romão”, construída em 1998, num bairro popularmente conhecido por “Batatinha”. Tanto a Pracinha quanto a quadra estão servindo de ponto para o comércio de drogas, como insinuou uma das entrevistadas, já citada, a Sra. Fátima⁸, que ali há muito movimentos, e que por isso resolveu rezar um terço nas sextas-feiras neste local junto com a comunidade para afastar os males. Já uma outra pessoa que entrevistei, moradora nesse bairro bem próximo a esse local, mais diretamente, demonstrando um certo preconceito. Disse que dorme cedo e não sai porque tem medo dos “maconheiros”, deixando perceber que ali acontece tráfico de drogas e que já é do conhecimento público.

Para as famílias que residem ali, essa prática coloca em risco a tranquilidade e ameaça o direito de ir e vir dos transeuntes. Por ser uma atividade ilícita, os praticantes também correm riscos, são percebidos preconceituosamente pela sociedade como pessoas que semeiam os males, perseguidos tanto pelos que ali residem, como, pelos homens da lei. Enquanto que, para os que praticam essa atividade o comércio de drogas tem o mesmo objetivo de qualquer outro trabalho. É uma forma econômica ou de subsistência. Se tivesse trabalho lícito para todos, capaz de oferecer vida digna, talvez ninguém optasse por essa forma de vida. Assim, é uma atividade econômica, uma invenção que já tornou-se uma prática cultural, não só aqui em Alagoa Nova, mas em outras cidades brasileiras e estrangeiras.

No entanto, a Pracinha e a Quadra que serviram durante alguns anos, de lazer ao público, hoje é uma área onde alguns indivíduos se juntam para fazer o seu trabalho, de comercializar drogas, causando perigo à sociedade. Tornou-se uma área de medo, tensões, mas também é o local onde a comunidade religiosa se junta para rezar, pedindo proteção e providência divina para espantar o que ela chama de “males”.

Assim, com este trabalho percebo que a luta, a fadiga e as dificuldades do dia-a-dia são o que move as pessoas, fazendo com que se tornem pessoas mais dinâmicas, capazes de criar situações para subsistir. Alagoa Nova não tem fonte de trabalho, ainda continua ligada à agricultura. No entanto, apesar das dificuldades, o aceleramento urbano proporcionou algumas mudanças no dia a dia das famílias. Apesar de ser uma cidade de pequeno porte já não se tem mais uma vida tranqüila e sensível, como se tinha até a década de 1970, quando grande parte da população ainda morava na zona rural.

Mas, apesar das mudanças na forma de vida, as pessoas ainda preservam alguns costumes, na forma de cozinhar, se divertir, na religião. Como observamos a maneira de fazer o Pé-de-Moleque que ainda preserva características da forma de origem, e o hábito de cozinhar com panela de barro em fogão à lenha. Tudo isso são resquícios de um passado mais remoto, mas que ainda faz parte do cotidiano das famílias que residem ali em Alagoa Nova.

A precariedade no espaço público e privado nas habitações populares, sem a necessária infra-estrutura de serviços e de atendimento básico ao cidadão, ocasiona vários problemas sociais como a marginalidade. As casas são espaços muito apertados e isso impossibilita o estabelecimento de uma esfera da vida privada. Mas percebo que, apesar dessa precariedade principalmente no espaço privado, na vida doméstica, as pessoas criam formas de subsistência, improvisam modos de cozinhar, de se alimentar, dormir, maneiras de fazer, como observamos na casa de uma das entrevistadas que a sala além de receber as visitas

é o espaço onde os filhos costumam sentar para fazer as refeições assistindo a televisão. Em uma outra família, por não ter colchões para colocar nas camas, a mãe forra com roupas usadas e consegue acomodar sua família na hora da dormida. As conversas com a vizinhança que aconteciam nas calçadas ou na sala de visitas, agora acontece nos quintais enquanto as pessoas executam alguma atividade com lavar roupas por exemplo. Os velórios que aconteciam em casa, agora há uma casa funerária para este fim. As festas domésticas que aconteciam em casa, agora já tem salões com esta finalidade.

Portanto, as pessoas se apropriam das práticas culturais já existente e vão reapropriando, criando outras práticas, inventando sua própria cultura para subsistir. São essas práticas que Certeau chama de invenções, criações e artes que vão dando outro sentido às coisas, aos objetos e aos espaços, pois para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor das práticas sociais, é preciso que essas práticas culturais tenham significado para aqueles que a realizam.

Percebo também que por não ter fontes de trabalho, as pessoas se “viram” como podem. Muitos se ocupam de trabalho ilícito em espaços públicos como o comércio de CD’s piratas e de drogas em determinadas áreas da cidade, mas que essas atividades têm significados tanto para as pessoas que praticam como para as famílias que residem nesses bairros. Para os primeiros garante a subsistência mas também correm risco, e para os segundo essa prática é uma ameaça à tranquilidade. Outros dividem seus espaços domésticos para comercializar alguma mercadoria numa tentativa de garantir a sua subsistência, como vimos na casa da Sra. Ana a sala de visitas está ocupada com uma variedade de confecções de onde ela tira o sustento para ela e a filha. Assim a sala da Sra. Ana além de receber as visitas é o espaço onde ela vende as mercadorias.

Quanto à vida privada, observo que para as pessoas que entrevistei da classe menos favorecida, não é possível o estabelecimento de uma esfera da vida privada, devido o estado de pobreza em que vive. As casas são muito apertadas e as pessoas resignificam os espaços, dando um outro sentido, a sala de visita por exemplo tem várias serventias, para alguns além de receber as visitas também é o espaço para dormir, assistir televisão, fazer as refeições. Para outros também é um espaço para o comércio, essa atividade que tem se proliferado ultimamente devido à falta de outras fontes de trabalho, tornou-se uma prática bastante comum em Alagoa Nova.

No entanto, em contraste a essa situação, a classe mais abastada vive em espaços que oferecem conforto, em bairros com a necessária estrutura e infra-estrutura, apesar de um dos bairros nobres da cidade ainda está sem esses benefícios. A vida doméstica dessa classe

também é bastante confortável, com bastante espaço, as casas oferecem o estabelecimento de uma esfera da vida privada. Geralmente, essas pessoas exercem cargos públicos, são burocratas, motoristas, professores, médicos. Outros são comerciantes e não precisam improvisar seus espaços domésticos para subsistir, como faz a pobreza. Portanto, tem sua privacidade estabelecida.

Assim este trabalho contribui para pensarmos como é a vida cotidiana dos que residem ali em Alagoa Nova-PB, nas práticas culturais, mas principalmente chamar a atenção para a situação de pobreza em que vive a classe menos favorecida, e percebermos que esta situação não impossibilita as invenções, criações e artes dos indivíduos de suas práticas culturais. Apesar de um certo conformismo com a situação em que vivem as pessoas criam forma de subsistência, inventam maneira de fazer, cozinhar, de dormir, trabalhar e são essas práticas que criam uma nova cultura.

Portanto, essa pesquisa contribuiu para o aperfeiçoamento dos meus conhecimentos, enriquecimento intelectual, para minha formação pessoal e profissional. Conheci mais de perto o dia a dia de pessoas, seres humanos que clamam por socorro, mas tem sua voz silenciada. Isso tornou-me mais sensível aos problemas da cidade onde resido. E como educadora, penso que poderei transmitir aos educandos e discutir um pouco do que aprendi contribuindo para a produção do conhecimento e formação de cidadãos mais sensíveis às causas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre o cotidiano tem mostrado grande importância para os que se preocupam com a cultura e buscam compreender as práticas sociais, as mudanças e continuidades dos hábitos, costumes e tradições.

Neste sentido, no discorrer do primeiro capítulo, observo a visão de alguns autores sobre a importância da pesquisa oral, para o trabalho do historiador, que pode através desta dar voz aos esquecidos pela história. Trato também de cultura e cotidiano, enfatizando o que diz Certeau e alguns de seus seguidores, que cultura é o que as pessoas fazem no cotidiano, são as invenções, criações e artes desses indivíduos no dia-a-dia. No entanto, ainda olho para o que dizem alguns autores da coleção *História da vida privada no Brasil*, sobre a vida cotidiana das pessoas nos momentos de mudanças do Brasil Colônia, Império e República.

No segundo capítulo, trato de alguns aspectos do cotidiano ali em Alagoa Nova-PB, no período de 1980 até os dias atuais das práticas culturais, observando as mudanças e continuidades e mostrando como as pessoas vão inventando, criando suas formas de vida para subsistir.

Portanto, esse trabalho teve a intenção de analisar as práticas culturais em Alagoa Nova, observando alguns aspectos do cotidiano, pensando na possibilidade de dar voz aos esquecidos, ampliar os meus conhecimentos e os interesses dos leitores no sentido de também pesquisarem a história de suas cidades.

BIBLIOGRAFIA

AGRA, Luciano. **É possível definir historiograficamente o conceito de “Cotidiano”?** Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/10834/1/e-possivel-definir-historiograficamente-o-conceito-de-cotidiano/paginal.html> - Acessado em 05 de maio de 2009.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer**. 3 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1998.

_____. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995 - Coleção Travessia do Século.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar** Petrópolis RJ. Vozes, 1997.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime econômico Patriarcal: Apresentação de Fernando Henrique Cardoso**. – 49 ed. Ver. – São Paulo: global 2004.

HAMBURG, ESTER. Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: **História da Vida Privada no Brasil**. Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS, Paulo César Garcez. **Habitação e Vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópolis brasileira**. In: **História da Vida Privada no Brasil**. Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALES, José Borges de. **Alagoa Nova: Notícias para sua História**. Fortaleza, Gráfica Editora R. Esteves tipogresso Ltda 1990.

SERVIÇO DE APOIO AS MICROS EMPRESAS DA PARAÍBA. PROGRAMA DE APOIO E RENDA. Série Diagnósticos Sócio-econômico. Alagoa Nova, 1996;59 p.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTÕES UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS DURANTE A PESQUISA

Dados Pessoais.

Nome da Pessoa Entrevistada:

Estado Civil:

Naturalidade:

Endereço:

Profissão: Idade: 58 anos

Grau de Instrução:

Data da Entrevista:

- 1) Há quanto tempo você mora nesta casa?
- 2) A casa é alugada? Quantos cômodos tem?
- 3) Quantas pessoas residem aqui?
- 4) O que fazem para se acomodar principalmente na hora da dormida?
- 5) Todos trabalham?
- 6) Me fale um pouco do dia a dia de vocês.
- 7) A família tem algum momento de Lazer? O que fazem para se divertir?
- 8) Você comemorou ou comemora os aniversários, batizados e casamentos de seus filhos?
Comemora em casa mesmo?
- 9) Você tem alguma preferência por algum tipo de comida?
- 10) E Quanto a religião, frequenta alguma igreja? Todos da família que mora nesta casa segue a mesma religião?
- 11) Por que você optou por essa religião?
- 12) Vocês se juntam na hora das refeições? E em que cômodo da casa costumam se alimentar?
- 13) Para se servirem utilizam pratos, talheres ou outros recipientes?
- 14) Quem cuida da limpeza da casa?
- 15) Existem desentendimentos entre vocês? Quais os motivos?
- 16) E com os vizinhos, você gosta de conversar? Já houve algum desentendimento? Você pode falar o motivo?
- 17) Quais são as suas maiores dificuldades do dia a dia? -

Nome: **Antonio Gomes de Souza**

Estado Civil: **Casado**

Idade: **62** anos

Naturalidade: **Alagoa Nova-PB**

Endereço: **R. Maurício Antonio Frutuoso – Bairro: Nossa Senhora Aparecida**

Profissão: **Agricultor**

Grau de Instrução: **Alfabetizado**

Data: **14/03/2009.**

1) Há quanto tempo você mora nesta cidade?

Mais de 30 anos. Só nesta casa já faz 21 anos mais eu já morei em outra rua.

2) Quantos filhos você tem? Todos moram nesta casa?

São 10 filhos. 9 mora aqui e uma é casada mora na casa dela.

3) Então são 11 pessoas com você e sua esposa. Dá para se acomodar todo mundo principalmente na hora de dormir?

Dá. Essa casa é grande tem 7 comodors. Era pequena mas eu fui aumentando. Só não dá pra dormir todos nos quartos mas dorme em redes na sala, no sofá, e todo mundo se acomoda.

4) E este fogo, vocês cozinha sempre com lenha? Onde vão buscar lenha?

Bem, usamos mais lenha, porque o gás tá muito caro. Pegamos lenha nas matas são os meninos e Inácia que sempre vão pegar.

5) Mas, o que fazem para sobreviver? Todos trabalham?

Não. Só eu. Tem só um rapaz que faz uns bicos na padaria, mas não é nada certo.

6) Como assim? Por que você diz que não é nada certo?

Bem, ele não tem carteira assinada, e o que recebe como pagamento é muito pouco.

7) Qual é a sua profissão?

Sou agricultor, mas desde que sai do sítio fui aprendendo fazer outras coisas. Estou trabalhando em Campina Grande com fabricação de móveis, mas também sei pintar, faço instalação elétrica, trabalho como servente de pedreiro. E, quando estou em casa faço conserto de bicicletas e de outros objetos.

8) Por que você saiu do sítio?

O Sítio era de herdeiros. Foi vendido. Cada um recebeu sua parte e não tinha como eu ficar lá. Mas me arrependi, agora quero me aposentar e não estou conseguindo, porque eu trabalho sem assinatura na Carteira. Já tentei, consegui o Incra com um primo mas não deu certo.

9) O que você mais gostava de fazer quando morava no Sítio?

De fazer farinha, porque era uma festa quando a família se juntava na casa de farinha a gente conversava, contava piadas, brincava era muito animado.

10) E aqui na cidade vocês não se juntam para conversar?

É difícil ficar todos juntos, nem na hora do almoço aos domingos que eu estou em casa, a gente consegue.

11) E o que faz para se Divertir?

Nada. E pobre se diverte? Se diverte sim, como pode!

12) Mas e a televisão, gostam de assistir?

O povo daqui de casa assiste as novelas, e os meninos sempre assistem quando tem jogo.

13) Você disse que as meninas são evangélicas e os outros filhos. Você e sua esposa frequentam alguma igreja?

Bem, aqui uns são católicos outros evangélicos, mas não vivemos muito em igreja, eu acredito em Deus e em casa a gente pode rezar e pedir proteção. Só as meninas que sempre vão a igreja evangélica e eu não reclamo, só às vezes quando elas estão falando bobagens a respeito da religião delas é que eu não gosto e discuto.

14) Mas, como é o seu dia a dia?

Eu trabalho e saio na segunda feira logo cedo só volto na sexta a noite e às vezes, quando aparece serviço lá em Campina, deixo pra vir no Sábado à noite ou no Domingo. Quando chego já estou muito cansado, e ainda tenho uns bicos pra fazer. Os meninos também não gostam muito de sair, apenas um vai ao bar, porque gosta de beber. As meninas vão à igreja, são evangélicas. Inácia e eu fico em casa, só no dia de feira que às vezes vou comprar alguma coisa. É verdade Inácia cuida da casa e as meninas também estudam, tem uma que gosta de trabalhar em casa de família. Os menino também não têm emprego mas têm um que faz uns bicos na padaria.

Nome: **Francinete Marques da Silva**

Estado Civil: **casada**

Idade: **47 anos**

Naturalidade: **Alagoa Nova-Pb**

Endereço: **Rua Vereador Protásio Carlos Moreno**

Profissão: **Operadora de Acabamento**

Grau de Instrução: **Médio**

Data: **04/04/2009**

1) Há quanto tempo você mora nesta casa?

Faz uns doze anos.

2) A casa é alugada? Quantos cômodos tem?

Própria. Seis cômodos, 2 quartos, cozinha, sala, área e banheiro.

3) Quantas pessoas residem aqui?

Nove pessoas entre filhos, nora, neto e um sobrinho.

4) Todos trabalham e praticam alguma atividade física? O que fazem para se divertirem?

Só quem trabalha sou eu e não pratico nenhuma atividade física, a única caminhada é de casa para o trabalho e para a igreja. Os meninos gostam de jogar futebol. Para se divertirem eles fazem a festa bebendo, conversando com os amigos e ouvindo músicas nos bares, e às vezes quando tem festa eles vão dançar e também participam de quadrilhas juninas, festas de rua.

5) O que fazem para se acomodar principalmente na dormida, já que não têm quartos para todos?

Eu e Luiz ocupamos um quarto e outro fica com meu filho casado a esposa e o filho deles, os demais dormem na sala no sofá e em redes, quando chega visita os meninos saem e vão dormir na casa de mãe ou na casa do irmão.

6) Como é o dia a dia de vocês? O que fazem para se manterem?

Meu esposo é aposentado por motivo de doença, mas ele ajuda nos serviços da casa, eu trabalho na Alpargatas como operadora de acabamentos e também presto serviços como auxiliar de serviços gerais no colégio estadual.

7) Você comemorou ou comemora os aniversários, batizados e casamentos de seus filhos com festas e faz em casa mesmo?

Já fiz festas mas não convido muita gente é mais para a família porque as coisas ficaram difíceis, mas sempre faço um almoço em casa mesmo. E, já comemorei o aniversário de minha neta que mora comigo na Miragem, porque aqui é muito apertado.

8) Como é? Ela aluga o salão? E a comida é preparada lá também?

Bem, quando eu fiz aluguei, paguei uma taxa, e paguei também para Aninha fazer e servir.

8.1) E Aninha trabalha com buffet?

É. Ela faz o que pedir: almoço, bolo, salgados. Depende do contrato se for pra fazer e servir ela vai. Faz até a ornamentação.

9) Quais são as suas maiores dificuldades?

É falta de tempo para cuidar da casa e da minha saúde.

10) Tem preferência por alguma religião? Qual é a Igreja que você frequenta?

Sou Evangélica e frequento a Igreja do Avivamento aqui em Alagoa Nova.

11) Todos os que moram aqui são evangélicos ou tem outra crença como Candomblé, Espiritismo?

Não. Alguns participam de um grupo de Testemunhas de Geová e outros não tem religião.

12) Vocês costumam se juntar para orar?

Não.

13) Já que são de religiões diferentes existe divergências?

Não. Respeitamos a escolha de cada um.

14) Porque você escolheu essa religião? Acredita na salvação através de uma religião?

Não. Quem salva é Deus por meio de nossas ações. Eu vou a igreja porque acho que lá é um ambiente propício para louvarmos ao senhor.

15) Tem uma pessoa responsável pela manutenção da família ou todos colaboram na compra de alimentos, vestimentas, medicamentos?

Não. Como já falei, sou responsável por tudo resolvo as coisas mas, com a ajuda de meu esposo que quando não está bebendo cuida da casa.

16) Algumas famílias ainda preservam o costume de se juntarem para as refeições. Vocês gostam, por exemplo de almoçarem todos juntos?

Bem, é bom mas nunca conseguimos ficar juntos. Eu trabalho todos os dias só chego em casa às 23:00hs.

17) Quem cozinha os alimentos e cuida da limpeza da casa?

Meu esposo, quando não está bebendo, pois quando bebe não tem noção do que faz e as coisas pioram em casa, aí os meninos tem que ajudar.

18) Na hora das refeições, em que cômodo da casa vocês costumam se alimentar?

Na cozinha. Alguns na sala porque gostam de comer assistindo televisão.

19) Que programas de televisão vocês mais gostam de assistir?

Não assisto porque não fico em casa só no Domingo, mas eu gosto dos jornais e as vezes assisto O Domingo Legal. Os meninos assistem novelas, esportes.

20) Para servirem os alimentos é comum utilizarem pratos e talheres ou outros recipientes?

Lembro que minha avó além de comer em uma bacia gostava de amassar os alimentos principalmente feijão com as mãos e levar para boca. Alguém aqui tem esse costume?

Há não! Todos comem com colher, garfo, faca. Mas eu lembro que minha mãe fazia isso e ainda gosta.

21) Existem, assim, desentendimentos entre vocês? Quais os motivos dos desentendimentos?

Não. As discussões que acontecem as vezes não é nada grave, quando os meninos discutem logo fazem as pazes, acho que toda família passa por momentos de conflitos.

22) E com os vizinhos, você gosta de conversar com eles? Como vocês se relacionam? Já houve algum desentendimento? Qual foi o motivo?

Bem não converso porque não tenho tempo, a única vizinha que ainda converso é Ana quando estou lavando roupas, porque o quintal dela fica de frente com o meu. Mas eu me dou bem com todos só me desentendi com uma pessoa dessa rua porque estava vindo colocar lixo na minha porta.

Entrevistada: **Severina Freire de Lima Pinto**

Estado Civil: **casada**

Idade: **55 anos**

Endereço: **Rua Antunes Brandão. Bairro: Bairro: Santa Luzia**

Profissão: **Aposentada**

Grau de Instrução: **Nível Médio**

Data: **20/04/2009**

1) Você é praticante de alguma religião?

Bem, eu gosto de ir à missa, rezo todos os dias em casa sozinha no meu quarto. Acredito muito em Deus.

2) Mas você também costuma rezar junto com sua família tem um momento pra isso?

Há! Só quando eram todos crianças, depois quando foram crescendo perdemos o hábito, porque saía um para um lado outro para outro e a gente não conseguia mais se juntar.

3) Você, ou algum dos seus filhos ou esposo, já frequentaram algum centro espírita?

Não. Não gostamos desse lugares.

4) Mas nem por curiosidade, você visitou um centro espírita?

Eu não! E Você já foi? (Eu já fui sim para conhecer, pedi até para me rezar. Eu queria ver como é o trabalho deles.) E aí, gostasse? (Bem, eu percebi que é uma prática ou atividade econômica ou uma forma de sobrevivência, porque paguei pela reza).

5) Os seus filhos todos são católicos e participam de alguma atividade da Igreja?

Só tenho duas filhas uma casou-se e mora na casa dela, mas também é católica a outra é solteira mas trabalha em Campina Grande, mora por lá mesmo e diz que está frequentando uma igreja evangélica e está gostando. Disse que é muito diferente. O culto que o pastor faz é mais envolvente do que a missa que o padre celebra e eu não contrario ela deixo a vontade. Eu já participei da pastoral do batismo, do ECC eu e Toinho, mas agora estou afastada fui me desgostando das pessoas da forma como elas tratam a gente nem parecem pessoas evangelizadoras, querem sempre aparecer, dizem uma coisa e praticam outra.

6) Como assim? Você pode dá um exemplo disso?

Nas reuniões todos são bons, mas quando sai de lá fazem que nem conhece agente, quando se encontra na rua muito mau falam com a gente. Já percebesse isso Avani? (É mas, essas coisas acontecem em qualquer lugar, agente sempre percebe a indiferença das pessoas até entre as famílias. Você não acha?) É verdade.

7) Você já está aposentada não é? Mas o que faz no seu dia a dia?

Por enquanto só cuidado da casa, mas estou achando ruim, fico sempre sozinha em casa, toinho trabalha só chega depois das dez da noite. Estou indo à Academia porque estou com um problema de saúde.

8) Você gosta de cozinhar? Qual é o seu prato predileto?

Gosto. Todos os dias tem que ter feijão e arroz. Sou eu que cozinho e gosto muito de galinha caipira, tanto eu quanto Toinho, às vezes aos domingos quando não quero cozinhar vamos almoçar lá em Chico Bento lá tem uma galinha caipira muito gostosa.

9) Há sei, Chico Bento fica ali próximo ao Sítio Sabiá. E qual é o Cardápio do domingo lá no Chico Bento? É só almoço ou tem outra atração?

É galinha caipira, feijão verde, arroz, verdura. A gente bebe uma cervejinha e tem um sonzinho pra gente ouvir músicas, dá para distrair um pouco.

10) E em casa você também cozinha a galinha caipira? Onde você encontra?

Cozinho sim. Toinho compra nas feiras, para encontrar tem que ir muito cedinho eu faço nos finais de semana quando não saio tem que ter a galinha.

10.1) Mas como é que você faz a galinha? Gosto ao molho com feijão verde e arroz é uma delícia.

11) Quanto a outro tipo de comida, para lanche por exemplo o que você gosta de fazer?

Gosto bastante de bolo pé de moleque mas do jeito que eu faço, com massa de mandioca e bastante tempero cravo, canela, e erva-doce, também coloco castanha de caju ou amendoim pra ficar mais gostoso.

11.1) É. e você faz na palha da banana? Não, porque dá muito trabalho mas eu sei fazer, minha mãe fazia quando a gente morava no sítio, ela colocava a mandioca na água para amolecer e depois quando estava amolecida ela lavava, botava para escorrer e fazia o bolo, enrolava a massa na palha da banana coloca numa assadeira de barro e levava ao fogo de lenha. Agora eu faço colocando a massa na forma e levo ao forno

12) Você cuida da casa, gosta de cozinhar, vai à academia, sai, participa da missa, sai nos finais de semana. E televisão, você assiste algum programa?

Há! eu gosto da TV Senado porque mantém a gente informado e os jornais. Só não sou afim de novelas porque eu acho que basta a novela real da vida.

13) Geralmente nas casas que eu vou, vejo sempre que tem uma televisão na sala de visitas, que fica logo após a porta principal da entrada da casa. Aqui observo que não tem? Qual o motivo?

Eu não coloco a TV nesta sala porque acaba com os sofás. É por isso que fiz uma sala só para televisão e também tenho uma no meu quarto e é onde eu mais gosto de assistir.

ANEXO II

FOTOGRAFIAS

Venda de CD's piratas



Fonte: Avani Palmeira, 2009.

Trabalhadores em horário de folga se divertindo no local de trabalho



Fonte: Avani Palmeira, 1999.

**Sala de visitar da Sr^a Ana Pereira da Silva, utilizada
como ponto comercial**



Fonte: Avani Palmeira, 2009.

Cozinha da Sr^a Luzia



Fonte: Avani Palmeira, 2009.

Sala de visitas da Sr^a Luzia Maria da Conceição



Fonte: Avani Palmeira, 2009.

Sala de visitas da Sr^a Severina Freire de Lima Pinto



Fonte: Avani Palmeira, 2009.